



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

DA LEVEZA DO SER À MACIÇA TEORIA NA DEFESA DA VIDA

Esses são tempos de múltiplas crises anunciadas e outras já vivenciadas. Tempos de inseguranças onde a democracia encontra-se ameaçada em todo o mundo. Tempos de mudanças climáticas que dizimarão 1/3 da humanidade em período curto de catástrofes sem precedentes. Tempos de repensarmos e reavaliarmos os modos de ser, de agir e sentir, pois os vestígios da racionalidade estratégica instrumental já demonstraram o esgotamento de um Paradigma Científico Moderno que encolheu de diferentes formas as dimensões e potencialidades da vida, mas gerou muitas patologias em nosso universo em especial no planeta terra. É uma crise generalizada e ampla, com franca ascensão da direita que abarca as diferentes dimensões sociais, ecológicas, políticas e éticas.

No caso brasileiro, além de testemunhar o maior desastre ambiental de Mariana (Vale-Samarco), estamos com dificuldades de “com-viver” com um explícito golpe com proporções imensuráveis e com perdas irreparáveis das conquistas e garantias obtidas com muita luta, sofrimentos e vidas que se entregaram em favor de causas coletivas.

Em todo o mundo há um clamor pelo fortalecimento de orientações epistemológicas e ontológicas e pelo reconhecimento de outras leituras de mundo. O objetivo é um só: defender a vida no planeta, fundamentalmente a vida digna. A educação ambiental não é a varinha mágica que solucionará os dilemas socioambientais do mundo, contudo, nunca se fez tão exigente a necessidade de encontrar teorias e conhecimentos que pudesse ao menos compreender a enorme crise que nos imobiliza, já que as crises surgem paulatinamente e perdemos a noção da prioridade, tentando não nos engolfar e fazendo emergir a esperança.

Do extremo sul ao centro-oeste do Brasil, Michèle Sato e Vilmar Alves Pereira entrelaçaram conceitos e afetos (confetos!). Deste diálogo entre amigos, surgiu esta Edição Especial que se propõe pensar a Educação Ambiental por meio do reconhecimento de algumas outridades. Dessa forma, os textos que compõem a tessitura dessa edição indicam em seu conjunto a acolhida de temáticas que transitam pelos “multiversos” das epistemologias socioambientais.

Buscando construir novos horizontes, convidamos os diferentes olhares, saberes e sentimentos, para integrar o presente número com a presença de pesquisadores amigos que se aventuram em diferentes territórios (no Brasil e no exterior), no sentido de indicar o inédito viável em suas narrativas da Educação Ambiental: Olhares estético-expressivos na Poética de Brandão, Ecofenomenológicos com Sato, de Descolonização do pensamento com Tristão, de Aprendizados com os saberes tradicionais dos povos indígenas com Guimarães e Medeiros, olhares Críticos com Loureiro e Tozoni-Reis, dos avanços epistemológicos contemporâneos com Gutierrez-Perez, do gênero para o desenvolvimento sustentável com Avila, Ribeiro e Henning, da culturaArte da mulher negra de Manfrinate, Quadros e Kawahara, da filosofia daAstrologia com Kafure e Bauchwitz, das inquietações da EA como campo de conhecimento com Castro e Reyese do olhar cosmoceno como espaço de reflexões sobre o nosso lugar na casa comum de Pereira.

Cada um de nós carrega as próprias dúvidas e certezas, espalhadas pelos multiversos teóricos que não têm a pretensão de se esgotarem nesta edição, mas que apenas acenam pela necessidade de debatermos a educação ambiental naquilo que chamamos de episteme, práxis e axioma. Teoria, fazer e sentir se misturam com as estrelas, no cintilar esvoaçante de nossos próprios sonhos. No pulsar desta nossa existência, esta edição brinda novas poeiras do velho cosmos.

A capa foi criada por um dos mestres do surrealismo contemporâneo, Bernard Dumaine, que por conhecer bem os paladares artísticos da Michèle, brindou o planeta com a variação do René Magritte. Bernard trocou a maçã pelo planeta Terra, talvez querendo nos mostrar seus conflitos que muitos preferem não enxergar. A pintura original é um autorretrato do surrealista belga (*Le fils de l'homme*), que uma maçã esconde o rosto, dando a impressão de que não se importa com os possíveis conflitos dos elementos que se mostram ou se escondem, e embora uma coisa esconda a outra na invisibilidade da injustiça social, possivelmente queiramos sempre enxergar os elementos com a esperança para construir um outro mundo.

Assim também nos brinda os textos que submetemos ao mundo, à apreciação de novos enfoques, abordagens e debates que constroem o campo multicolorido da educação ambiental: da leveza do ser, no traçado epistemológico mais denso que rompe a dualidade entre as polaridades no diálogo entre os diferentes conceitos em educação ambiental.

Michèle Sato e Vilmar Alves Pereira

Julho de 2016.